



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1044>

## **Antifascismo acefálico: a conceituação psicológica do fascismo por Georges Bataille<sup>1</sup>**

*Acephalic anti-fascism: the psychological conceptualization of fascism by Georges Bataille*

Pedro Antônio Gregorio de Araujo<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente texto busca apresentar a conceituação do fascismo e sua estrutura psicológica segundo o autor francês Georges Bataille. A partir do texto intitulado *A Estrutura Psicológica do Fascismo*, pretendemos demonstrar, primeiramente, a estrutura psicológica da sociedade, a partir dos conceitos de homogêneo e heterogêneo. O homogêneo é tudo que é tido por útil e fundado pela produção, enquanto o heterogêneo é aquilo que é marginalizado ou por ser considerado lixo ou por ser considerado transcendental. Constatamos que há dois tipos de heterogêneo: um inferior e outro superior, sendo que o fascismo é um exemplo deste último. Analisaremos como o fascismo é a junção de dois poderes: o militar e o religioso. Sua organização interna é tal qual um exército, e seu líder tem uma aura divina. O fascismo é um movimento heterogêneo idiossincrático pois ele representa o matrimônio de forças heterogêneas soberanas com o Estado liberal homogêneo. Feito isto, apresentamos um terceiro conceito de heterogêneo: a heterogeneidade subversiva, que Bataille associa a movimentos antifascistas e que buscam trazer aquilo tido por lixo para o topo, demonstrando que, assim, a luta política não se travaria mais entre fascismo e comunismo, e sim entre forças heterogêneas que buscam escravizar a humanidade contra forças que buscam a emancipação humana. Palavras-Chave: Bataille. Fascismo. Heterogeneidade. Homogeneidade. Estado.

### **Abstract**

This text seeks to present the concept of fascism and its psychological structure according to the French author Georges Bataille. From the text entitled *The Psychological Structure of Fascism*, we intend to demonstrate, first, the psychological structure of society, from the concepts of homogeneous and heterogeneous. The homogeneous is everything that is considered useful and founded by production, while the heterogeneous is that which is marginalized either because it is considered garbage or because it is considered transcendental. We

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente publicado em: ARAUJO, Pedro Antônio Gregorio de. Antifascismo acefálico: a conceituação psicológica do fascismo por Georges Bataille. In: AMARAL, Augusto Jobim do; FIEDLER, Cássia Zimmermann. (Orgs). *Fascismos: leituras, montagens e agenciamentos*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021, p. 127-155. doi.org/10.36592/9786587424910

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. <http://orcid.org/0000-0003-0592-1303>  
E-mail: pedro.araujo@edu.pucrs.br

found that there are two types of heterogeneity: one inferior and the other superior, with fascism being an example of the latter. We will analyze how fascism is the joining of two powers: the military and the religious. Its internal organization is like an army, and its leader has a divine aura. Fascism is an idiosyncratic heterogeneous movement as it represents the marriage of sovereign heterogeneous forces with the homogeneous liberal state. Having done this, we present a third concept of heterogeneity: subversive heterogeneity, which Bataille associates with anti-fascist movements and which seek to bring what is considered garbage to the top, demonstrating that, thus, the political struggle would no longer be waged between fascism and communism, and yes between heterogeneous forces that seek to enslave humanity against forces that seek human emancipation.

Keywords: Bataille. Fascism. Heterogeneity. Homogeneity. State.

## Introdução

A última obra cinematográfica do diretor italiano Pier Paolo Pasolini, intitulada *Salò ou os 120 Dias de Sodoma* (1975), é uma adaptação do romance inacabado do Marquês de Sade, com um diferencial: Pasolini altera o contexto onde se passa a história. O cenário do livro é a França monárquica do século XVIII, num castelo medieval remoto, ao passo que a película se passa na cidade italiana de Salò em 1944, nos anos derradeiros da Segunda Guerra Mundial. A cidade de Salò foi, de 1943-1945, a capital da República Social Italiana, Estado-fantoches criado por Benito Mussolini, e apoiado pelos nazistas alemães.

A premissa de ambas as obras é a mesma: quatro homens libertinos ricos se trancafiam com jovens num castelo, e os submetem às mais diversas torturas físicas, psicológicas e sociais. No romance de Sade os quatro homens são membros da aristocracia francesa, enquanto que no filme de Pasolini eles são membros do alto escalão fascista italiano. Em certo momento de suas torturas, os quatro fascistas refletem inebriados, e um deles afirma o seguinte: “Nós, fascistas, somos os verdadeiros anarquistas. Naturalmente, uma vez que nos tornamos mestres do estado, a anarquia vem do poder.” Tenhamos em mente que esta frase foi dita por um fascista, e portanto ela denota uma visão de mundo deturpada. Porém, tal afirmação ilustra como é o funcionamento do Estado fascista e como o poder flui dentro dele, dos dirigentes em direção à população.

Segundo o autor francês Georges Bataille, o fascismo é heterogêneo à sociedade homogênea. O que significa isso? Significa que o fascismo apela a valores que não podem ser reduzidos ao dinheiro e à utilidade, tais quais, Deus, família, nação. Ao apelar a estes valores, o fascismo se apresenta como algo irreduzível ao

campo da utilidade, ele se apresenta como algo superior, soberano em relação a sociedade liberal. Porém, o fascismo trai a soberania pois ele busca tomar poder do Estado liberal preexistente, o que significa que no fascismo há algo nunca antes visto: a junção de elementos heterogêneos soberanos à homogeneidade capitalista, que era o contrário que acontecia, por exemplo, em monarquias absolutistas, onde o rei, também esse elemento soberano, não estava inserido na produtividade homogênea.

Será nosso trabalho neste artigo apresentar a análise empreendida por Bataille acerca do fascismo e de sua psicologia. Porém, para fazermos isso, é necessário que falemos da estrutura psicológica da sociedade como um todo. Vivemos em uma sociedade da produtividade, que tem como fundamento a produção econômica, e que reduz tudo a medida comum do dinheiro. Tal sociedade é constituída pela classe burguesa e ao mesmo tempo em que inclui os trabalhadores durante seu serviço eles são excluídos assim que seu expediente acaba. A homogeneidade da sociedade está sujeita a ameaças de movimentos gerados por suas contradições internas. Estas, levam a setores da sociedade a se juntarem a movimentos heterogêneos, que são oriundos de tudo aquilo tido como inútil. Bataille assinala que isso implica uma heterogeneidade dupla, pois o inútil pode ser tanto aquilo que é “sem preço” para sociedade assim como aquilo que é tido por lixo. Há, portanto, uma heterogeneidade pura/superior e uma heterogeneidade impura/inferior. O fascismo faz parte dessa primeira, mas ele é único pois ele representa forças heterogêneas tomando o poder do Estado liberal homogêneo. Para ilustrarmos isso, teremos que falar sobre como Bataille compara as semelhanças e dissemelhanças entre o líder fascista com o rei absolutista. Segundo Bataille, ambos são detentores do poder militar e do poder religioso, porém o que difere as milícias fascistas de um exército comum é a aura religiosa do seu líder, que atrai afetos revolucionários para então trair tais afetos.

Focaremos no artigo de 1933 de Bataille, *A Estrutura Psicológica do Fascismo*. Texto este que é publicado no ano em que Hitler assumira como chanceler da Alemanha, e coincidiu com a publicação do livro *Psicologia de Massas do Fascismo* do psicanalista alemão Wilhelm Reich, dois textos profundamente influenciados pela obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* do pai da psicanálise Sigmund Freud, e que seriam muito influentes para a crítica ao fascismo no século XX.

## Homogeneidade

Bataille inicia o artigo apresentando seu objetivo com ele, que seria apresentar a superestrutura da sociedade e sua relação com a infraestrutura econômica à luz do fascismo, porém ele reconhece que para fazer isso é necessário descrever a sociedade como um todo:

Este ensaio tenta uma representação rigorosa (se não compreensiva) da superestrutura social e suas relações com a infraestrutura econômica à luz do fascismo. [...] No entanto, a simples apresentação da estrutura do fascismo teve de ser precedida por uma descrição da estrutura social como um todo. (BATAILLE, 1979, p. 64, tradução nossa)<sup>3</sup>

A exposição começa por aquilo que está mais visível na sociedade, isto é, seu lado homogêneo, que numa simples definição significa “a comensurabilidade de elementos e a consciência desta comensurabilidade”, de acordo com Bataille (1979, p. 64, tradução nossa).<sup>4</sup> A parte homogênea da sociedade serve para dar regras fixas para a existência humana, bem como a exclusão da violência deste modo de ser. Para exemplificar, seria como a vida em sociedade é regida por regras, e o infrator, ou seja, aquele que comete a violência, tem sua exclusão da comunidade homogênea.

O seu fundamento é nada mais nada menos que a própria produção, nas palavras de Bataille: “A sociedade homogênea é a sociedade produtiva, isto é, a sociedade útil. Cada elemento inútil é excluído, não da sociedade, mas de sua parte homogênea.” (BATAILLE, 1979, p. 65, tradução nossa)<sup>5</sup> O inútil está excluído, não da sociedade como um todo, e sim da sua parte homogênea, porém como se diferencia o útil do inútil? O útil nunca é válido em si mesmo, o útil é julgado como tal com base na utilidade que ele teria para uma outra atividade, e assim por diante, *ad infinitum*; a atividade útil tem uma medida em comum com outra atividade que também é útil, e tal medida em comum é o dinheiro. Vladimir Safatle, ao falar sobre a questão do trabalho na obra de Bataille, resume o que o francês quis dizer ao

---

<sup>3</sup> “This essay attempts a rigorous (if not comprehensive) representation of the social superstructure and its relations to the economic infrastructure in the light of fascism. [...] However, the simple presentation of the structure of fascism had to be preceded by a description of the social structure as a whole.”

<sup>4</sup> “Homogeneity signifies here the commensurability of elements and the awareness of this commensurability”

<sup>5</sup> “Homogeneous society is productive society, namely useful society. Every useless element is excluded, not from all of society, but from its homogeneous part.”

teorizar acerca da utilidade e seu papel na vida dos sujeitos:

Fica claro como a utilidade aparece não apenas enquanto modo de descrição da racionalidade própria a um sistema socioeconômico determinado, mas principalmente como o princípio fundamental de definição moral da natureza dos sujeitos inerentes a tal sistema. Os sujeitos racionais no interior do capitalismo são aqueles que organizam suas ações tendo em vista sua autoconservação, a manutenção de seus bens, o cálculo econômico de seus esforços e a fruição de formas moderadas de prazer, ou seja, formas de prazer que não nos coloquem fora de nosso próprio domínio. (SAFATLE, 2018, p. 161.)

A utilidade seria portanto o norteador tanto do sistema capitalista quanto da moral dos indivíduos que vivem neste determinado sistema. As vidas são regidas por valores compatíveis com os valores econômicos tradicionais, como a autoconservação, o cálculo econômico, o hedonismo moderado, etc... Tal é a forma que a homogeneidade opera para assimilar tudo em seu caminho: por meio da utilidade e do trabalho.

A homogeneidade social tem como objetivo a redução dos indivíduos a uma medida comum, conforme Bataille afirma: “a sociedade homogênea [se produz] como uma redução à medida comum.” (BATAILLE, 1979, p. 76, tradução nossa)<sup>6</sup> Cada homem vale aquilo que ele produz, segundo a sociedade homogênea, que tem sua homogeneidade fundamentada pela classe burguesa. Isto é, a parte homogênea da sociedade é constituída por esta classe: “a parte homogênea da sociedade é feita por aqueles homens que tem os meios de produção ou o dinheiro *destinado para sua manutenção ou compra*”. (BATAILLE, 1979, p. 65, tradução nossa, grifos do autor)<sup>7</sup> É a burguesia que decide o valor, e, portanto, é ela que governa a sociedade homogênea.

O ser humano, dentro desta forma de existência, para de ter valor em si mesmo, e torna-se mera função dentro dos limites calculáveis da homogeneidade, e esta redução da humanidade, segundo Bataille, começa dentro do setor médio da própria burguesia e se estende ao máximo possível para as classes médias. Porém, há uma classe irreduzível à homogeneidade, a saber, o proletariado industrial, que se encontra em uma posição contraditória: quando ele está no seu trabalho ele está

<sup>6</sup> “[...] homogeneous society as a reduction to the common measure [...]”

<sup>7</sup> “the homogeneous part of society is made up of those men who own the means of production or the money destined for their upkeep or purchase”

incluso na homogeneidade, porém, assim que ele coloca o pé para fora do trabalho, ele é excluído, tal como um estranho para seu superior, Bataille afirma:

Mas o proletariado industrial permanece, em geral, irreduzível. Ele mantém uma relação dupla à atividade homogênea: a última o exclui – não do trabalho, mas dos lucros. Enquanto agentes de produção, os trabalhadores caem dentro do modelo de organização social, mas a redução homogênea como regra afeta somente suas atividades salariais; eles estão integrados na *homogeneidade* psicológica em termos de comportamento no trabalho, mas não geralmente enquanto homens. (BATAILLE, 1979, p. 65, tradução nossa, grifos do autor)<sup>8</sup>

A teoria de Bataille acerca da redução do homem a uma função é similar à teoria marxiana da alienação, embora Bataille não cite Marx em seu texto. De fato, o texto de Bataille começa com uma crítica ao marxismo, dizendo que “o marxismo não empreendeu nenhuma elucidação geral das modalidades peculiares à formação da sociedade religiosa e política” (BATAILLE, 1979, p. 64, tradução nossa)<sup>9</sup>, sendo esta a razão de ser do seu ensaio. No entanto, Bataille dá razão à concepção de Estado que está presente nas obras marxistas: “No período contemporâneo, a *homogeneidade* social está ligada à classe burguesa por elos essenciais.” (BATAILLE, 1979, p. 66, tradução nossa, grifos do autor)<sup>10</sup> Lembremos da concepção marxista de Estado, de acordo com Vladímir Lênin: “Segundo Marx, o Estado é um órgão de *dominação* de classe, um órgão de opressão de uma classe por outra, é a criação da ‘ordem’ que legaliza e consolida essa opressão, moderando o conflito das classes.” (LÊNIN, 2017, p. 29.). O Estado é, na filosofia marxista, uma forma de oprimir determinada classe. Tal concepção é importante lembrar-se, pois Bataille afirma que a homogeneidade social é uma forma de vida precária, e sujeita tanto à violência externa, quanto à dissidência interna, logo, sendo necessário recorrer a elementos imperativos. Porém, o Estado não é um elemento imperativo, e sim um elemento que media as relações das classes homogêneas para com as agências soberanas (por exemplo, o exército):

---

<sup>8</sup> “But the industrial proletariat remains for the most part irreducible. It maintains a double relation to homogeneous activity: the latter excludes it – not from work but from profit. As agents of production, the workers fall within the framework of the social organization, but the homogeneous reduction as a rule only affects their wage-earning activity; they are integrated into the psychological *homogeneity* in terms of their behavior on the job, but not generally as men.”

<sup>9</sup> “Marxism did not undertake any general elucidation of the modalities peculiar to the formation of religious and political society.”

<sup>10</sup> “In the contemporary period, social *homogeneity* is linked to the bourgeois class by essential ties”



O próprio Estado não é um desses elementos imperativos; ele é diferente de reis, chefes de exército ou de nações, mas é o resultado das modificações sofridas por uma parte da sociedade homogênea ao entrar em contato com esses elementos. Essa parte é uma formação intermediária entre as classes homogêneas e os órgãos soberanos dos quais deve emprestar seu caráter obrigatório, mas cujo exercício da soberania deve confiar nela como intermediário. (BATAILLE, 1979, p. 66, tradução nossa) <sup>11</sup>

A fragilidade da homogeneidade está no fato dela depender inteiramente da homogeneidade no campo econômico. Caso haja contradição dentro do sistema produtivo, ocorre uma dissociação da existência social homogênea, isto é, setores da sociedade param de ter interesse na perpetuação da homogeneidade social, e preferem a vê-la destruída, fazendo com que haja uma filiação de elementos anteriormente homogêneos para uma existência heterogênea. A massa anteriormente afilhada à homogeneidade junta-se a forças heterogêneas:

*A homogeneidade social depende fundamentalmente da homogeneidade (no sentido geral da palavra) do sistema produtivo. Toda contradição decorrente do desenvolvimento da vida econômica implica, portanto, uma dissociação tendencial da existência social homogênea.* (BATAILLE, 1979, p. 67, tradução nossa) <sup>12</sup>

Agora em que setores da sociedade associam-se à heterogeneidade, é hora de demonstrar o estudo de Bataille sobre a temática.

## Heterogeneidade

Definir a heterogeneidade é, Bataille admite, problemático, tendo em vista que ela escapa a todas objetificações por ser absolutamente outro. A própria palavra “heterogêneo” já nos indica que é inassimilável por definição. Isto impacta tanto a assimilação do diferente no campo científico quanto no campo social, Bataille argumenta: “Esta impossibilidade que tem um impacto fundamental na assimilação social, também tem um impacto na assimilação científica.” (BATAILLE, 1979, p. 67-

<sup>11</sup> “The state is not itself one of these imperative elements; it is distinct from kings, heads of the army, or of nations, but it is the result of the modifications undergone by a part of homogeneous society as it comes into contact with such elements. This part is an intermediary formation between the homogeneous classes and the sovereign agencies from which it must borrow its obligatory character, but whose exercise of sovereignty must rely upon it as an intermediary.”

<sup>12</sup> “Social *homogeneity* fundamentally depends upon the homogeneity (in the general sense of the word) of the productive system. Every contradiction arising from the development of economic life thus entails a tendential dissociation of homogeneous social existence.”

68, tradução nossa)<sup>13</sup> Segundo Bataille, estes dois tipos de assimilação tem como objetivo estabelecer a homogeneidade e excluir a heterogeneidade: a ciência estabelece a homogeneidade dos fenômenos estudados, e a sociedade precisa assegurar sua homogeneidade sempre. “Esses dois tipos de assimilação têm uma estrutura única: o objetivo da ciência é estabelecer a *homogeneidade* dos fenômenos.” (BATAILLE, 1979, p. 68, tradução nossa, grifos do autor)<sup>14</sup> Pode-se dizer, portanto, que os elementos heterogêneos estão sujeitos à censura em ambos os campos: “Em tais condições, os elementos heterogêneos, ao menos como tais, encontram-se sujeitos a uma censura de fato.”(BATAILLE, 1979, p. 68, tradução nossa)<sup>15</sup> Censura esta que faz Bataille nos lembrar de conceitos psicanalíticos, para exemplificar melhor sua tese. A exclusão dos elementos heterogêneos pelas forças homogêneas é o mesmo tipo de exclusão que o inconsciente sofre nas mãos da consciência: “A exclusão dos elementos *heterogêneos* do reino *homogêneo* da consciência lembra formalmente a exclusão dos elementos, descritos (pela psicanálise) como *inconscientes*, cuja censura exclui do ego consciente.” (BATAILLE, 1979, p. 68, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>16</sup> O homogêneo seria a consciência e a “com-ciência”. Portanto, Bataille afirma que é preciso entender a heterogeneidade como uma “diferença não-explicável” primeiramente para poder dar início a um estudo sobre o fenômeno.

O pensador francês nos aponta seis considerações para melhor ilustrar o que viria a ser o conceito de heterogeneidade. A primeira aproximação feita acerca do conceito por Bataille é a partir dos estudos da sociologia da religião, em que da mesma forma em que mana e tabu seriam formas particulares do sagrado, o sagrado em si é uma forma particular do heterogêneo. Ou seja: fenômenos como mana e tabu estão dentro do sagrado, e o sagrado dentro do heterogêneo:

Assim como, na sociologia religiosa, mana e tabu designam formas restritas às aplicações particulares de uma forma mais geral, o *sagrado*, o próprio *sagrado* pode ser considerado como uma forma restrita do

---

<sup>13</sup> “this impossibility which has a fundamental impact on social assimilation, likewise has an impact on scientific assimilation.”

<sup>14</sup> “These two types of assimilation have a single structure: the object of science is to establish the *homogeneity* of phenomena.”

<sup>15</sup> “In such conditions, the heterogeneous elements, at least as such, find themselves subjected to a de facto censorship.”

<sup>16</sup> “The exclusion of *heterogeneous* elements from the *homogeneous* realm of consciousness formally recalls the exclusion of the elements, described (by psychoanalysis) as *unconscious*, which censorship excludes from the conscious ego.”



*heterogêneo.*(BATAILLE, 1979, p. 68, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>17</sup>

Bataille explica com mais clareza: tanto a mana como o tabu são de definição fácil, pois eles dizem respeito a fenômenos limitados e restritos. Mana é a energia mágica que líderes religiosos possuem, e o tabu é uma proibição, de acordo com as palavras de Bataille:

*Mana* designa a força misteriosa e impessoal de indivíduos como reis e feiticeiros. O *tabu* indica a proibição social do contato referente, por exemplo, a cadáveres e mulheres menstruadas. Dados os fatos precisos e limitados a quais eles se referem, estes aspectos da vida *heterogênea* são fáceis de definir. (BATAILLE, 1979, p. 68-69, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>18</sup>

Mas o que acontece quando ampliamos o fenômeno estudado? Isto é, se quisermos definir o sagrado? Encontramos mais dificuldades em nosso caminho, Bataille afirma, precisamente por conter mais comportamentos dentro de seu âmbito: “No entanto, uma compreensão explícita do *sagrado*, cujo campo de aplicação é relativamente vasto, apresenta dificuldades consideráveis.” (BATAILLE, 1979, p. 69, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>19</sup> A definição do sagrado não é apenas algo referente a uma magia dos líderes religiosos ou uma proibição social, mas sim o conjunto dessas e mais outras práticas. Bataille aqui relembra de quando o sociólogo Émile Durkheim percebeu que é impossível dar uma definição científica afirmativa do sagrado, e se resignou a definir o mundo sagrado como absolutamente heterogêneo ao mundo profano. Para o sociólogo francês não basta uma definição hierárquica, pois esta seria muito abrangente e ambígua, logo Durkheim define o sagrado em sua heterogeneidade advinda da sua relação com o profano, heterogeneidade esta que é diferente de todas as outras pelo fato dela ser absoluta no tocante ao sagrado. Vejamos como Durkheim define o sagrado em seu estudo de sociologia da religião, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*:

<sup>17</sup> “Just as, in religious sociology, mana and taboo designate forms restricted to the particular applications of a more general form, the *sacred*, so may the *sacred* itself be considered as a restricted form of the *heterogeneous*.”

<sup>18</sup> “*Mana* designates the mysterious and impersonal force possessed by individuals such as kings and witch doctors. *Taboo* indicates the social prohibition of contact pertaining, for example, to cadavers and menstruating women. Given the precise and limited facts to which they refer, these aspects of *heterogeneous* life are easy to define.”

<sup>19</sup> “However, an explicit understanding of the *sacred*, whose field of application is relatively vast, presents considerable difficulties.”(Ibid., p. 69, tradução nossa, grifos do autor.)

Mas, se uma distinção puramente hierárquica é um critério ao mesmo tempo muito geral e muito impreciso, não nos resta outra coisa para definir o sagrado em relação ao profano, a não ser sua heterogeneidade. E o que torna essa heterogeneidade suficiente para caracterizar semelhante classificação das coisas e distingui-la de qualquer outra é justamente o fato de ela ser muito particular: *ela é absoluta*. (DURKHEIM, 1996, p. 21-22, grifos do autor.)

Segundo Jürgen Habermas, a caracterização do objeto sagrado na sociologia durkheimiana é de um objeto que tem um poder de sedução e atração ao mesmo tempo em que assusta e repele: diante da imagem sagrada somos atraídos, mas logo repelidos – eis seu caráter paradoxal que também está presente no heterogêneo como um todo, de acordo com Habermas: “os objetos sagrados são dotados de uma força aurática que seduz e atrai os homens, ao mesmo tempo que os aterroriza e repele.” (HABERMAS, 2000, p. 306.) Além do mais, quando tocados tais objetos transportam o sujeito para um nível de realidade que está para além daquele profano, ou seja, a realidade dos objetos religiosos não pode ser homogenizada, calculada. Ainda de acordo com o filósofo alemão:

Quando tocados, desencadeiam efeitos de choque e representam um outro e mais elevado nível de realidade: não são mensuráveis conforme as coisas profanas, escapam a um exame homogeneizador que assimila o estranho ao conhecido e explica o imprevisto com o auxílio do habitual. (HABERMAS, 2000, p. 306.)

Entretanto, é necessário fazer a seguinte observação: a concepção de heterogeneidade para Durkheim não é a mesma concepção teorizada por Bataille. O filósofo Paul Hegarty afirma que, para Georges Bataille, a heterogeneidade é absoluta, no entanto, a noção de “absoluto” é uma noção que está dentro da lógica homogênea, o que neutralizaria a heterogeneidade. A heterogeneidade é, antes de tudo, para o escritor de *A História do Olho*, aquilo que transgride o absoluto: “Para Bataille, a divisão é de fato absoluta, mas a ideia de absoluto é uma ideia firmemente dentro da homogeneidade; a heterogeneidade é o que quebra o que é considerado absoluto – é o que transgride.” (HEGARTY, 2000, p. 29, tradução nossa.)<sup>20</sup> Enquanto que a concepção de Durkheim acerca da heterogeneidade é que ela é estática e divisora, Bataille considera a heterogeneidade como aquilo que está fora e o processo que levou a esta exclusão, bem como a forma pode retornar, de acordo

---

<sup>20</sup> “For Bataille, the split is indeed absolute, but the idea of absoluteness is one firmly within homogeneity; heterogeneity is what breaks what is held to be absolute – it is that which transgresses.”

com Hegarty: “Para Durkheim, a heterogeneidade é estase e separação; para Bataille, é o que está do lado de fora, mas também o processo pelo qual veio a estar do lado de fora e pelo qual pode voltar novamente (em sacrifício, por exemplo, ou no festival).” (HEGARTY, 2000, p. 29, tradução nossa.)<sup>21</sup>

O sagrado, segundo Bataille, só pode ser conhecido positivamente de forma implícita. Podemos dizer, então, que a forma aceita por Bataille de descrever o sagrado é pela via da teologia negativa, pois todas tentativas de descrever o sagrado positivamente estão fadadas ao fracasso, visto nossa impossibilidade de apreender a heterogeneidade de forma científica. De fato, Bataille retorna aos exemplos da *mana* e *tabu* para falar das reações causadas pelo heterogêneo. Segundo ele, o heterogêneo é, ao mesmo tempo, possuidor de uma energia misteriosa e perigosa tal qual a *mana*, e sujeito a uma proibição social que o separa da existência homogênea, ou seja, é um *tabu*, e é neste sentido que ele contém o campo do sagrado dentro de si:

No entanto, é possível admitir que o *sagrado* seja conhecido positivamente, pelo menos implicitamente (uma vez que a palavra é comumente usada em todas as línguas, esse uso supõe uma significação percebida por toda a humanidade). Esse conhecimento implícito de um valor heterogêneo permite que um caráter vago, mas positivo, seja comunicado à sua descrição. No entanto, pode-se dizer que o mundo heterogêneo é amplamente composto pelo mundo sagrado, e que reações análogas às geradas por coisas sagradas são provocadas por coisas heterogêneas que, estritamente falando, não são consideradas sagradas. Essas reações são tais que se supõe que a coisa heterogênea é carregada com uma força desconhecida e perigosa (lembrando a *mana* polinésia) e que uma certa proibição social de contato (*tabu*) a separa do mundo *homogêneo* ou comum (que corresponde ao mundo profano na oposição estritamente religiosa). (BATAILLE, 1979, p. 69, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>22</sup>

A segunda caracterização do heterogêneo é referente à sua relação com o dispêndio improdutivo. De acordo com Bataille, a heterogeneidade é tudo aquilo

<sup>21</sup> “For Dürkheim, the heterogeneity is stasis and separation, for Bataille it is that which is outside, but also the process by which it came to be outside, and by which it can come back in again (in sacrifice, for example, or the festival).”

<sup>22</sup> “It is nevertheless possible to admit that the *sacred* is known positively, at least implicitly (since the word is commonly used in every language, that usage supposes a signification perceived by the whole of mankind). This implicit knowledge of a heterogeneous value permits a vague but positive character to be communicated to its description. Yet, it can be said that the heterogeneous world is largely comprised of the sacred world, and that reactions analogous to those generated by sacred things are provoked by heterogeneous things that are not, strictly speaking, considered to be sacred. These reactions are such that the heterogeneous thing is assumed to be charged with an unknown and dangerous force (recalling the Polynesian *mana*) and that a certain social prohibition of contact (*taboo*) separates it from the *homogeneous* or ordinary world (which corresponds to the profane world in the strictly religious opposition).”

que resulta do dispêndio improdutivo, ou seja, tudo aquilo que não está de acordo com a corrente da utilidade homogênea, e isso inclui tanto o que é excluído como inferior e quanto o que é considerado como superior:

o mundo *heterogêneo* inclui tudo o que resulta de dispêndios *improdutivos* (as coisas sagradas fazem parte desse todo). Isso consiste em tudo que é rejeitado pela sociedade *homogênea* como desperdício ou como valor transcendente superior. (BATAILLE, 1979, p. 69, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>23</sup>

Habermas define este aspecto do heterogêneo com uma frase: “O mundo heterogêneo comporta-se perante o mundo profano como o supérfluo.” (HABERMAS, 2000, p. 306.) Tudo que é supérfluo pertence ao heterogêneo, e os exemplos dados por Bataille de produtos do dispêndio improdutivo são vários: desde os dejetos humanos, até organizações sociais que escapam da estrutura capitalista (multidões, aristocracias, castas guerreiras, aqueles que são ingovernáveis), passando pelos atos e palavras eróticas. O que todos estes fenômenos tão *heterogêneos* entre si tem em comum? Todos são gerados pelo dispêndio improdutivo, e, prontamente, são excluídos da homogeneidade social ou como lixo, ou como transcendentais. Vejamos os exemplos listados por Bataille:

Estão incluídos os produtos residuais do corpo humano e certas matérias análogas (lixo, vermes, etc.); as partes do corpo; pessoas, palavras ou atos com um valor erótico sugestivo; os vários processos inconscientes, como sonhos ou neuroses; os numerosos elementos ou formas sociais que a sociedade *homogênea* é impotente para assimilar: multidões, guerreiros, classes aristocráticas e empobrecidas, diferentes tipos de indivíduos violentos ou pelo menos aqueles que recusam o governo (loucos, líderes, poetas, etc.). (BATAILLE, 1979, p. 69, tradução nossa.)<sup>24</sup>

Então os fenômenos heterogêneos são produtos de dispêndio improdutivo, são variados entre si e radicalmente diferentes comparados à realidade homogênea. Isso nos leva à terceira caracterização do heterogêneo para Bataille: as reações originadas a partir dele. Segundo o autor, a heterogeneidade provoca reações

---

<sup>23</sup> “The *heterogeneous* world includes everything resulting from *unproductive* expenditure (sacred things themselves form part of this whole). This consists of everything rejected by *homogeneous* society as waste or as superior transcendent value.”

<sup>24</sup> “Included are the waste products of the human body and certain analogous matter (trash, vermin, etc.); the parts of the body; persons, words, or acts having a suggestive erotic value; the various unconscious processes such as dreams or neuroses; the numerous elements or social forms that *homogeneous* society is powerless to assimilate: mobs, the warrior, aristocratic and impoverished classes, different types of violent individuals or at least those who refuse the rule (madmen, leaders, poets, etc.).”

radicais do sujeito que as presencia, podendo levar a uma atração ou uma repulsa extremada, ou até mesmo a uma repulsa seguida de atração. Os objetos que causam esse tipo de reação são, necessariamente, heterogêneos, conforme escreve Bataille:

Dependendo da pessoa, elementos *heterogêneos* provocarão reações afetivas de intensidade variável, e é possível supor que o objeto de qualquer reação afetiva seja necessariamente *heterogêneo* (se não geralmente, pelo menos em relação ao sujeito). Às vezes há atração, às vezes repulsa e, em certas circunstâncias, qualquer objeto de repulsa pode se tornar um objeto de atração e vice-versa. (BATAILLE, 1979, p. 69, tradução nossa.)<sup>25</sup>

Ainda sobre as reações Bataille demonstra sua quarta caracterização: pode-se adjetivar as heterogêneo com a violência, o excesso, o delírio e a loucura. Claramente isso é mais palpável quando se está falando sobre pessoas e grupos associados à heterogeneidade, Bataille concede, contudo, isso também estaria presente com certos objetos inertes, como, por exemplo, um corpo em estado de decomposição também possui marcas de violência, podendo causar delírio nos entes queridos que o veem. Excesso e violência fazem parte de sua natureza, conforme afirma Bataille aqui:

*Violência, excesso, delírio, loucura* caracterizam elementos heterogêneos em graus variados: ativos, como pessoas ou multidões, resultam da violação das leis da *homogeneidade* social. Essa característica não se aplica adequadamente a objetos inertes, mas estes apresentam uma certa conformidade com emoções extremas (se é possível falar da natureza violenta e excessiva de um corpo em decomposição). (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>26</sup>

A realidade do heterogêneo é diferente da realidade do homogêneo: eis a quinta tipificação apresentada por Bataille. A homogeneidade tem uma realidade que se apresenta de forma abstrata e neutra, a partir de objetos definidos de forma clara e distinta, seria a realidade específica de objetos sólidos, afirma Bataille: “A realidade *homogênea* se apresenta com o aspecto abstrato e neutro de objetos

<sup>25</sup> “Depending upon the person, *heterogeneous* elements will provoke affective reactions of varying intensity, and it is possible to assume that the object of any affective reaction is necessarily *heterogeneous* (if not generally, at least with regard to the subject). There is sometimes attraction, sometimes repulsion, and in certain circumstance, any object of repulsion can become an object of attraction and vice versa.”

<sup>26</sup> “*Violence, excess, delirium, madness* characterize heterogeneous elements to varying degrees: active, as persons or mobs, they result from breaking the laws of social *homogeneity*. This characteristic does not appropriately apply to inert objects, yet the latter do present a certain conformity with extreme emotions (if it is possible to speak of the violent and excessive nature of a decomposing body).”

estritamente definidos e identificados (basicamente, é a realidade específica de objetos sólidos).” (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>27</sup> Enquanto isso, a realidade heterogênea tem o aspecto de choque. Isto é, ela se apresenta como um valor que passa de uma coisa para outra de forma quase que abstrata, de modo que a mudança pareça ter acontecido no juízo do sujeito, e não no mundo físico:

A realidade *heterogênea* é a de uma força ou choque. Ela se apresenta como uma carga, como um valor, passando de um objeto para outro de maneira mais ou menos abstrata, quase como se a mudança estivesse ocorrendo não no mundo dos objetos, mas apenas nos julgamentos do sujeito. (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>28</sup>

Porém, isto não significa que a realidade heterogênea é de natureza relativista, onde tudo depende do sujeito e de sua percepção falível, Bataille aponta como um contraexemplo a função dos objetos utilizados para atividades eróticas. Para ele, a função destes está embasada em sua natureza objetiva. O que a realidade heterogênea permite é transmitir esse valor erótico para um outro objeto análogo ou próximo:

O aspecto anterior, no entanto, não significa que os fatos observados devam ser considerados subjetivos: logo, a ação dos objetos da atividade erótica está manifestamente enraizada em sua natureza objetiva. No entanto, de uma maneira desconcertante, o sujeito tem a capacidade de deslocar o valor excitante de um elemento para outro análogo ou vizinho. (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>29</sup>

Em suma, o que a realidade heterogênea tem de tão diferente da realidade homogênea é que dentro dela os símbolos de significância afetiva têm tanto valor quanto os elementos fundamentais e a parte pode ter o mesmo valor que o todo: “Na realidade heterogênea, os símbolos carregados com valor afetivo têm a mesma importância que os elementos fundamentais, e a parte pode ter o mesmo valor que o todo.” (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>30</sup> Esta diferença gritante entre ambas as realidades também implica que para conhecer a

---

<sup>27</sup> “*Homogeneous* reality presents itself with the abstract and neutral aspect of strictly defined and identified objects (basically, it is the specific reality of solid objects).”

<sup>28</sup> “*Heterogeneous* reality is that of a force or shock. It presents itself as a charge, as a value, passing from one object to another in a more or less abstract fashion, almost as if the change were taking place not in the world of objects but only in the judgments of the subject.”

<sup>29</sup> “The preceding aspect nevertheless does not signify that the observed facts are to be considered as subjective: thus, the action of the objects of erotic activity, is manifestly rooted in their objective nature. Nonetheless, in a disconcerting way, the subject does have the capacity to displace the exciting value of one element onto an analogous or neighboring one.”

<sup>30</sup> “In heterogeneous reality, the symbols charged with affective value thus have the same importance as the fundamental elements, and the part can have the same value as the whole.”



heterogeneidade não adianta usar a metodologia científica usada pela sociedade homogênea. O caminho para conhecer a heterogeneidade é por meio de métodos não-convencionais, como por exemplo os métodos místicos das sociedades antigas e a interpretação dos sonhos psicanalítica. Seria necessário aquilo que Bataille denomina, posteriormente, de experiência interior:

É fácil notar que, uma vez que a estrutura do conhecimento para uma realidade homogênea é a da ciência, o conhecimento de uma realidade heterogênea é encontrado no pensamento místico dos primitivos e nos sonhos: é idêntico à estrutura de o inconsciente.(BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>31</sup>

Resumindo: o heterogêneo é o “absolutamente outro” – eis aqui a sexta e última caracterização do conceito. A heterogeneidade é incomensurável, e somente assim ela pode ser representada, Bataille argumenta: “Em resumo, comparada à vida cotidiana, a existência heterogênea pode ser representada como outra coisa, como incomensurável, carregando essas palavras com o valor positivo que elas têm na experiência afetiva.” (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>32</sup> É necessário agora falar sobre os tipos de heterogeneidade para Bataille e entrarmos no fascismo propriamente dito.

## **O Fascismo e sua Heterogeneidade**

Neste texto em que estamos dedicando nossa atenção, Bataille apresenta uma bifurcação do heterogêneo. Se o heterogêneo é tudo aquilo que é excluído da sociedade homogênea, ou como excremento ou como transcendente, então é necessário afirmar que há duas heterogeneidades: uma “superior” associada a valores nobres, soberanos, e outra, “inferior”, associada ao vulgar, ao sujo, assim como nas religiões existe a pureza e a impureza. Por exemplo, no judaísmo, no islamismo, e no hinduísmo (entre outras religiões), o sangue menstrual é sagrado da mesma forma que os seus respectivos livros sagrados, porém impuro, oposto à

---

<sup>31</sup> “It is easy to note that, since the structure of knowledge for a homogeneous reality is that of science, the knowledge of a heterogeneous reality as such is to be found in the mystical thinking of primitives and in dreams: it is identical to the structure of the unconscious.”

<sup>32</sup> “In summary, compared to everyday life, heterogeneous existence can be represented as something other, as incommensurate, by charging these words with the positive value they have in affective experience.”

pureza daqueles. A argumentação de Bataille é embasada na antropologia social e seus estudos:

A noção da dualidade das formas sagradas é uma das conclusões conclusivas da antropologia social: essas formas devem ser distribuídas entre duas classes opostas: *pura e impura*. [...] em certo sentido, há uma identidade de opostos entre glória e desânimo, entre formas exaltadas e imperativas (superiores) e formas empobrecidas (inferiores). Essa oposição divide todo o mundo heterogêneo e une as características já definidas da heterogeneidade como elemento fundamental. (BATAILLE, 1979, p. 72, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>33</sup>

E é nesta dualidade que possibilita Bataille afirmar que tanto o fascismo quanto a casta hindu dos dalits são heterogêneos. O fascismo é um exemplo da heterogeneidade superior, enquanto os dalits são uma heterogeneidade inferior. Ressaltemos o fato que Bataille não está usando tais termos de forma prescritiva ou de endosso, e sim descrevendo como são caracterizados tais fenômenos de acordo com categorias historicamente tidas como superiores/inferiores. E também lembremos que Bataille foi um antifascista convicto por toda sua vida:

Obviamente, o uso das palavras *superior, nobre, exaltado* não implica endosso. Aqui, essas qualidades simplesmente designam que algo pertence a uma categoria historicamente definida como *superior, nobre ou exaltada*. (BATAILLE, 1979, p.72, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>34</sup>

O fascismo é um movimento heterogêneo, pois ele se apresenta como o *anti-establishment*, o *outsider*. Figuras como Benito Mussolini e Adolf Hitler são figuras que exalam uma força diferente daquela presente nos políticos liberais que estão integrados à homogeneidade social e à sua realidade morna e abstrata; é uma força que os coloca acima dos humanos, dos partidos políticos, e até mesmo do próprio direito, Bataille afirma:

Ao contrário dos políticos democráticos, que representam em diferentes países a banalidade inerente à sociedade homogênea, Mussolini e Hitler imediatamente se destacam como algo diferente. Quaisquer que sejam as emoções que sua existência real como agentes políticos da evolução provoque, é impossível ignorar a força que os situa acima dos homens,

---

<sup>33</sup> “The notion of the duality of sacred forms is one of the conclusive findings of social anthropology: these forms must be distributed among two opposing classes: *pure and impure*. [...] in a certain sense, there is an identity of opposites between glory and dejection, between exalted and imperative (higher) forms and impoverished (lower) forms. This opposition splits the whole of the heterogeneous world and joins the already defined characteristics of heterogeneity as a fundamental element.”

<sup>34</sup> “Obviously, the use of the words *higher, noble, exalted* does not imply endorsement. Here these qualities simply designate that something belongs to a category *historically* defined as *higher, noble, or exalted*.”

partidos e até leis: uma força que interrompe o curso regular das coisas, a homogeneidade pacífica mas exigente, impotente e para se manter. (BATAILLE, 1979, p. 70, tradução nossa.)<sup>35</sup>

E o fascismo não é somente um exemplo de heterogeneidade, ele é também um exemplo de heterogeneidade superior, no sentido em que ele apela aos conceitos tidos como nobres pela sociedade, como por exemplo o conceito de “pátria”, de “família”, de “Deus”. A superioridade também se deve ao fato de os fascistas colocarem a autoridade como estando acima de qualquer cálculo utilitário, isto é, o fascismo não aceita questionamentos acerca da autoridade:

A ação fascista heterogênea pertence a todo o conjunto de formas superiores. Faz apelo a sentimentos tradicionalmente definidos como exaltados e nobres e tende a constituir a autoridade como um princípio incondicional, situado acima de qualquer julgamento utilitário. (BATAILLE, 1979, p. 72, tradução nossa.)<sup>36</sup>

Como podemos definir o “superior” da heterogeneidade? Bataille associa o superior à figura do sádico, isto é, é superior aquele que tem poder sobre outros, como, por exemplo, o pai em relação aos filhos, o comandante para com sua tropa, o mestre para os seus servos, e assim por diante. O mestre justifica sua autoridade com base em conceitos transcendentais, como é o caso da teoria do direito divino dos reis, por exemplo, e por embasar sua autoridade em ideias elevadas, logo sua natureza é de um outro absoluto, ou seja, heterogêneo em virtude do irracionalismo de sua justificativa. Porém, isso não nega o fato de que o mestre é tão heterogêneo quanto o seu servo. A heterogeneidade do servo se deve às condições materiais que o colocam como sujo e intocável, enquanto que a heterogeneidade do mestre tem como objetivo eliminar a sujeira que é servo, tal é a relação entre a heterogeneidade superior para com a inferior: eliminação total:

O simples fato de dominar os companheiros implica a heterogeneidade do mestre, na medida em que ele é o mestre: na medida em que ele se refere à sua natureza, à sua qualidade pessoal, como justificativa de sua

<sup>35</sup> “Opposed to democratic politicians, who represent in different countries the platitude inherent to homogeneous society, Mussolini and Hitler immediately stand out as something other. Whatever emotions their actual existence as political agents of evolution provokes, it is impossible to ignore the force that situates them above men, parties, and even laws: a force that disrupts the regular course of things, the peaceful but fastidious homogeneity powerless to maintain itself.”

<sup>36</sup> “*Heterogeneous* fascist action belongs to the entire set of higher forms. It makes an appeal to sentiments traditionally defined as *exalted* and *noble* and tends to constitute authority as an unconditional principle, situated above any utilitarian judgment.” (Ibid., p. 72, tradução nossa, grifos do autor.)

autoridade, ele designa sua natureza como *algo diferente*, sem poder explicá-la racionalmente. [...] Se a natureza heterogênea do escravo é semelhante à da imundície à qual sua situação material o condena a viver, a do mestre é formada por um ato que exclui toda imundície: um ato puro na direção, mas sádico no formato. (BATAILLE, 1979, p. 73, tradução nossa.)<sup>37</sup>

Bataille afirma que o fascismo renova a junção entre poder militar e religioso que outrora constituía a autoridade do rei absolutista, com a única diferença sendo o fato que no fascismo o poderio militar é exercido por grupos paramilitares. O exército, para Bataille, também é uma organização de heterogeneidade superior, tendo em vista que é uma instituição caracterizada pela disciplina e hierarquia, porém o seu fundamento é a sanguinolência e carnificina. O que torna tal instituição nobre seria o uso dos uniformes: é isso que transforma um genocídio num ato de guerra “nobre”, “glorioso”. O pensador francês nota um movimento de negação dentro das tropas. Há um conflito entre o comandante e seus subordinados: estes veem sua natureza ser negada por aquele. De fato, os soldados tornam-se uma extensão do comandante, Bataille afirma, e se gera uma homogeneidade interna para a organização da tropa:

Partindo de elementos informes e empobrecidos, o exército, sob o impulso imperativo, organiza-se e atinge internamente uma forma homogênea por conta da negação dirigida ao caráter desordenado de seus elementos: de fato, a massa que constitui o exército passa de um esgotado e a existência arruinada a uma ordem geométrica purificada, da ausência de forma à rigidez agressiva. Na verdade, essa massa negada deixou de ser ela mesma para se tornar afetivamente (“afetivamente” se refere aqui a comportamentos psicológicos simples, como ficar em posição de sentido ou marchar em marcha dupla) a coisa do chefe e como uma parte do próprio chefe. (BATAILLE, 1979, p. 78, tradução nossa, grifos do autor.)<sup>38</sup>

Entretanto, para fundar um poder e mantê-lo não basta a força militar, é necessário haver também a força religiosa, que é, para Bataille, o fundamento da

---

<sup>37</sup> “The simple fact of dominating one's fellows implies the heterogeneity of the master, insofar as he is the master: to the extent that he refers to his nature, to his personal quality, as the justification of his authority, he designates his nature as *something other*, without being able to account for it rationally. [...] If the heterogeneous nature of the slave is akin to that of the filth to which his material situation condemns him to live, that of the master is formed by an act excluding all filth: an act pure in direction but sadistic in form.”

<sup>38</sup> “Starting with formless and impoverished elements, the army, under the imperative impulse, becomes organized and internally achieves a *homogeneous* form on account of the negation directed at the disordered character of its elements: in fact, the mass that constitutes the army passes from a depleted and ruined existence to a purified geometric order, from formlessness to aggressive rigidity. In actuality, this negated mass has ceased to be itself in order to become affectively (“affectively” refers here to simple psychological behaviors, such as *standing at attention or marching double-time*) the chief's thing and like a part of the chief himself.”

autoridade social como um todo, e um exemplo de como a religião fundamenta a sociedade seria a doutrina do direito divino dos reis, e a própria noção de hereditariedade do trono:

Na medida em que é possível formular um julgamento válido sobre o passado distante da humanidade, parece bastante claro que a religião – não o exército – é a fonte da autoridade social. Além disso, a introdução da hereditariedade marca regularmente a predominância de uma forma religiosa de poder. (BATAILLE, 1979, p. 79, tradução nossa)<sup>39</sup>

De acordo com Bataille, o fascismo se constrói a partir deste fundamento que é militar e religioso ao mesmo tempo, e mesmo sendo distintos eles não podem ser separados de dentro da organização fascista: “O poder fascista é caracterizado por uma base religiosa e militar, na qual esses dois elementos habitualmente distintos não podem ser separados.” (BATAILLE, 1979, p. 81, tradução nossa)<sup>40</sup>, porém, o que predomina é o aspecto militar do fascismo. A relação do duce ou do führer para com seus partidários é a mesma relação que um comandante tem com suas tropas: o líder fascista atrai os afetos revolucionários da massa para então negá-los: “A presença imperativa do líder equivale a uma negação da efervescência revolucionária fundamental que ele explora;” (BATAILLE, 1979, p. 81, tradução nossa)<sup>41</sup>. Este domínio interno dentro do partido fascista implica um certo comprometimento, um meio-termo, entre sociedade e Estado, conforme fala Bataille:

Mas esta dominação interna não está diretamente subordinada a atos de guerra reais ou possíveis: ela se apresenta essencialmente como o meio termo de uma dominação externa da sociedade e do Estado, como o meio termo de um valor imperativo total. Assim, qualidades características das duas dominações (interna e externa, militar e religiosa) estão simultaneamente implícitas: qualidades derivadas da homogeneidade introjetada, como dever, disciplina e obediência, e qualidades derivadas da heterogeneidade essencial: violência imperativa e posicionamento do chefe como o objeto transcendente da afetividade coletiva. (BATAILLE, 1979, p. 81, tradução nossa)<sup>42</sup>

<sup>39</sup> “To the extent that it is possible to formulate a valid judgment about the distant past of mankind, it seems fairly clear that religion - not the army - is the source of social authority. Furthermore, the introduction of heredity regularly marks the predominance of a religious form of power.”

<sup>40</sup> “fascist power is characterized by a foundation that is both religious and military, in which these two habitually distinct elements cannot be separated.”

<sup>41</sup> “The imperative presence of the leader amounts to a negation of the fundamental revolutionary effervescence that he taps;”

<sup>42</sup> “But this internal domination is not directly subordinated to real or possible acts of war: it essentially poses itself as the middle term of an external domination of society and of the State, as the middle term of a total imperative value. Thus, qualities characteristic of the two dominations (internal and external, military and religious) are simultaneously implied: qualities derived from the introjected *homogeneity*, such as duty, discipline and obedience, and qualities derived from the

Ou seja, o fascismo trai sua própria soberania: o fascismo seria, então, uma aliança do heterogêneo com o homogêneo. Mas o que dá a tônica afetiva ao fascismo é seu caráter religioso, e é isso que distingue seus militantes dos meros soldados: o chefe, seria representação material da nação. E não somente isso – o fato do líder encarnar a nação também implica que seus seguidores devam agir como se em êxtase em sua presença:

O chefe como tal é, de fato, apenas a emanção de um princípio que não é outro senão o da gloriosa existência de uma nação elevada ao valor de uma força divina (que, substituindo qualquer outra consideração concebível, exige não apenas paixão, mas êxtase de seus participantes). (BATAILLE, 1979, p. 81, tradução nossa)<sup>43</sup>

Voltemos um pouco. Lembremos da seção acerca da homogeneidade: afirmamos que a homogeneidade tende a excluir tudo que é heterogêneo, porém, dada a sua fraqueza, a sua dificuldade de ser autossuficiente, a sociedade homogênea precisa recorrer a elementos heterogêneos soberanos para excluir a sujeira da heterogeneidade inferior e, também, associar-se com forças superiores. Lembremos da etimologia da palavra “fascismo”. Ela vem do “fasces”, que era uma arma que significava a união, ou seja, o fascismo é colaboracionista. Conforme Fernando Scheibe afirma, acerca da crítica ao fascismo realizada por Bataille:

ele [o fascismo] representa justamente uma solução de compromisso, uma aliança entre a parte homogênea da sociedade e o pólo alto – soberano – da parte heterogênea contra os elementos baixos – os únicos irredutivelmente heterogêneos – desta. (SCHEIBE, 2004, p. 32.)

Um exemplo concreto deste caráter colaboracionista, conciliatório, seria a forma como, historicamente, grupos burgueses fizeram aliança com grupos fascistas e militares para impedir supostas “ameças comunistas”, como no caso da Itália e da Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial:

De fato, como regra, a sociedade homogênea exclui todo elemento heterogêneo, imundo ou nobre; as modalidades da operação variam tanto quanto a natureza de cada elemento excluído. Para uma sociedade homogênea, apenas a rejeição de formas empobrecidas tem um valor fundamental constante (de modo que o menor recurso às reservas de

---

essential *heterogeity*: imperative violence and the positioning of the chief as the transcendent object of collective affectivity.”

<sup>43</sup> “The chief as such is in fact only the emanation of a principle which is none other than that of the glorious existence of a nation raised to the value of a divine force (which, superseding every other conceivable consideration, demands not only passion but ecstasy from its participants) ”



energia representadas por essas formas requer uma operação tão perigosa quanto a subversão); mas, dado que o ato de excluir formas empobrecidas associa necessariamente formas homogêneas a formas imperativas, estas não podem mais ser pura e simplesmente rejeitadas. Para combater os elementos mais incompatíveis, a sociedade homogênea usa forças imperativas flutuantes; e, quando deve escolher o próprio objeto de sua atividade (a existência em si mesma a serviço do qual deve necessariamente se colocar) do domínio que excluiu, a escolha recai inevitavelmente sobre as forças que já se mostraram mais eficazes. (BATAILLE, 1979, p. 74, tradução nossa).<sup>44</sup>

Bataille se pergunta como o fascismo acopla setores da população humilde de trabalhadores (e, de fato, Bataille afirma que essa proximidade do fascismo com as classes empobrecidas é algo que distingue-o das realidades clássicas). A resposta para esta charada se dá na organização militar do movimento fascista. Como vimos anteriormente, os ideais de disciplina e respeito à hierarquia dentro do exército levam a uma negação da própria natureza do soldado. O mesmo se repete dentro da organização da milícia fascista: o líder fascista se apresenta como a solução aos problemas de todos, como se fosse “gente como a gente”:

Aqui, o tipo específico de unificação é, na verdade, derivado da afetividade propriamente militar, o que quer dizer que os elementos representativos das classes exploradas só foram incluídos no processo afetivo pela negação de sua própria natureza (assim como a natureza social de um recruta negado por meio de uniformes e desfiles). Este processo que mescla as diferentes formações sociais de baixo para cima deve ser entendido como um processo fundamental cujo esquema se dá necessariamente na própria formação do chefe, que tira seu sentido profundo do fato de ter compartilhado a vida abatida e empobrecida do proletariado. (BATAILLE, 1979, p. 82, tradução nossa).<sup>45</sup>

Ao interpretar este texto de Bataille, Habermas afirma que o regime fascista

---

<sup>44</sup> “In fact, as a rule, *homogeneous* society excludes every *heterogeneous* element, whether filthy or noble; the modalities of the operation vary as much as the nature of each excluded element. For homogeneous society, only the rejection of impoverished forms has a constant fundamental value (such that the least recourse to the reserves of energy represented by these forms requires an operation as dangerous as *subversion*); but, given that the act of excluding impoverished forms necessarily associates *homogeneous* forms with imperative forms, the latter can no longer be purely and simply rejected. To combat the elements most incompatible with it, homogeneous society uses free-floating imperative forces; and, when it must choose the very object of its activity (the existence *for itself* in the service of which it must necessarily place itself) from the domain that it has excluded, the choice inevitably falls on those forces which have already proved most effective.”

<sup>45</sup> “Here the specific type of unification is actually derived from properly military affectivity, which is to say that the representative elements of the exploited classes have been included in the affective process only through the negation of their own nature (just as the social nature of a recruit is negated by means of uniforms and parades). This process which blends the different social formations from the bottom up must be understood as a fundamental process whose scheme is necessarily given in the very formation of the chief, who derives his profound meaning from the fact of having shared the dejected and impoverished life of the proletariat.”

é caracterizado pela mescla do homogêneo com o heterogêneo. Haveria, portanto, de um lado os valores homogêneos centrados no funcionamento da sociedade do trabalho: pragmaticidade, obediência e o respeito pela ordem. De outro lado teríamos os valores heterogêneos soberanos, mais notoriamente a agitação das massas e a aura de autoridade do líder fascista. Portanto, assevera Habermas, o Estado fascista é a estatização da soberania:

Na dominação fascista mesclam-se elementos homogêneos e heterogêneos de um modo novo: por um lado, a operacionalidade, a disciplina e o amor à ordem, qualidades que pertencem às exigências funcionais da sociedade homogênea, e o êxtase das massas e a autoridade do líder, que revelam um reflexo da verdadeira soberania. O Estado fascista possibilita a unidade total dos elementos heterogêneos como os homogêneos; é a soberania estatizada. (HABERMAS, 2000, p. 307.)

Pode-se levar a pensar que a heterogeneidade inferior tem um papel passivo dentro dessa esquemática, porém, Bataille afirma que no momento em que as massas pertencentes a este tipo de heterogeneidade entram em ebulição motivada pela revolta contra a homogeneidade das formas jurídicas e a heterogeneidade soberana ocorre uma espécie de – em termos marxistas – “consciência de classe”, ou seja, as formas de vida pertencentes à heterogeneidade servil precisam ter consciência de sua capacidade revolucionária. Eles formam, então, a heterogeneidade subversiva. Subversiva no sentido de fazer com que aquilo tido por baixo esteja no topo, e aquilo no topo caía. Tal heterogeneidade não é composta apenas pelo proletariado consciente, Bataille vai além, a subversão é condição necessária para a formação de sujeitos conscientes de classe:

É até possível dizer que tal ponto de concentração existe em um sentido anterior à formação do que deve ser chamado de "proletariado consciente": a descrição geral da região heterogênea na verdade implica que ela seja posta como um elemento constitutivo da estrutura de um todo que inclui não apenas formas imperativas e empobrecidas, mas também formas subversivas. Essas formas subversivas não são senão as formas inferiores transformadas com vistas à luta contra as formas soberanas. A necessidade inerente às formas subversivas requer que o que é baixo se torne alto, que o que é alto se torne baixo; este é o requisito em que a natureza da subversão é expressa. (BATAILLE, 1979, p. 85, tradução nossa.)<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> “It is even possible to say that such a point of concentration exists in a sense prior to the formation of what must be called the ‘conscious proletariat’: The general description of the heterogeneous region actually implies that it be posited as a constitutive element of the structure of a whole that includes not only imperative forms and impoverished forms but also *subversive forms*. These subversive forms are none other than the lower forms transformed with a view to the struggle against the sovereign forms. The necessity inherent to subversive forms requires that what is low become

Entretanto, Bataille concede que com o fim das monarquias e o advento das sociedades liberais as massas não ficam instantaneamente atraídas à subversão, o que pode dar força a movimentos profundamente reacionários. Então pode muito bem ocorrer de haverem duas heterogeneidades se combatendo assim que a homogeneidade dar sinais de fragilidade. De fato, Bataille afirma que se houver um embate entre movimentos fascista contra um socialista, o fascismo tende a vencer, pois a burguesia e pequena burguesia desassociadas da homogeneidade terão mais peso no resultado do embate:

Mas, a menos que seja possível restabelecer a homogeneidade interrompida, é evidente que a simples formação de uma situação dessa ordem determina antecipadamente seu próprio resultado: um aumento nessa efervescência é acompanhado por um aumento proporcional na importância dos elementos dissociados (burguesa e pequeno-burguesa) em comparação com os elementos que nunca haviam sido integrados (proletariado). Assim, as chances de uma revolução da classe trabalhadora, uma subversão libertadora da sociedade desaparecem na medida em que as possibilidades revolucionárias são afirmadas.(BATAILLE, 1979, p. 86-87, tradução nossa.)<sup>47</sup>

Apesar desta conclusão um tanto quanto pessimista sobre as vitórias do fascismo, Bataille afirma que é importante conhecer os movimentos da sociedade de atração e repulsão para utilizar como uma arma para impedir a ascensão desses movimentos fascistas, pois não basta utilizar da moral e do idealismo para combatê-lo. Além do mais, Bataille afirma que a oposição não é entre fascismo e comunismo, e sim entre formas radicalmente imperativas e formas subversivas que buscam a emancipação humana:

Um sistema de conhecimento que permita a antecipação das reações sociais afetivas que atravessam a superestrutura e talvez até, até certo ponto, acabem com ela, deve ser desenvolvido a partir de uma dessas possibilidades. O fato do fascismo, que pôs em questão a própria existência de um movimento operário, demonstra claramente o que se pode esperar de um recurso oportuno a forças afetivas despertadas. Diferentemente da situação durante o período do socialismo utópico, a moral e o idealismo não são mais as questões hoje do que as formas fascistas. Em vez disso, uma compreensão organizada dos movimentos da sociedade, de atração e repulsa, se apresenta como uma arma — neste momento em que uma vasta

---

high, that what is high become low; this is the requirement in which the nature of subversion is expressed.”

<sup>47</sup> “But, unless it is possible to reestablish the disrupted *homogeneity*, it is evident that the simple formation of a situation of this order dictates its own outcome in advance: an increase in this effervescence is accompanied by a proportionate increase in the importance of the *dissociated elements* (bourgeois and petty bourgeois) as compared to that of the elements that had never been integrated (proletariat). Thus the chances for a working class revolution, a liberating subversion of society disappear to the extent that revolutionary possibilities are affirmed.”

convulsão se opõe, não tanto fascismo ao comunismo, mas formas imperativas radicais à profunda subversão que continua a perseguir. a emancipação das vidas humanas. (BATAILLE, 1979, p. 87, tradução nossa.)<sup>48</sup>

## Conclusão

Começamos nosso trajeto apresentando o que seria a homogeneidade social para Bataille. A resposta é que é aquilo que é oriundo da produção econômica, representado pelo setor da sociedade dono dos meios de produção. A homogeneidade social busca reduzir tudo à medida comum do dinheiro, fazendo com que apenas o útil seja valorizado. O homem deixa de existir para si. A homogeneidade social, no entanto, não é o único lado da sociedade: há também um lado marginalizado, que se conecta a tudo aquilo tido por improdutivo. Este lado marginal é a heterogeneidade, que é inerentemente indefinível. Sua realidade é tal qual um choque, ao contrário da realidade morna da homogeneidade, e ela possui duas distinções internas: a heterogeneidade superior e a inferior.

Na heterogeneidade superior temos tudo que é considerado como transcendental e nobre, ao passo que na heterogeneidade inferior temos o que a sociedade tem como lixo. Por isso que Bataille pode afirmar que tanto o fascismo quanto as castas empobrecidas indianas são heterogêneas: ambos estão longe do sistema de utilidade da sociedade homogênea. A natureza do fascismo é similar à natureza da monarquia: há uma união de poderes militar com o poder religioso. O fascismo é organizado internamente como um exército, tendo como capitão o seu líder, que nega a natureza da sua tropa de militantes. A natureza do líder fascista é uma natureza religiosa, pois ele se apresenta como se fosse a encarnação material da grandeza de sua nação.

A junção dos poderes religioso com o militar não pode ser separada, e isso implica que o fascismo apresenta princípios tanto do reino homogêneo quanto do heterogêneo. O fascismo trai a sua soberania ao tomar posse do Estado liberal e usá-

---

<sup>48</sup> “A system of knowledge that permits the anticipation of the affective social reactions that traverse the superstructure and perhaps even, to a certain extent, do away with it, must be developed from one of these possibilities. The fact of fascism, which has thrown the very existence of a workers' movement into question, clearly demonstrates what can be expected from a timely recourse to reawakened affective forces. Unlike the situation during the period of utopian socialism, morality and idealism are no more the questions today than they are in fascist forms. Rather, an organized understanding of the movements in society, of attraction and repulsion, starkly presents itself as a weapon — at this moment when a vast convulsion opposes, not so much fascism to communism, but radical imperative forms to the deep subversion which continues to pursue the emancipation of human lives.”

lo para reorganizar a sociedade. De fato, o fascismo é utilizado pelas forças homogêneas como um meio de exterminar as forças heterogêneas que buscam realizar uma subversão da ordem da sociedade: podemos ver isso na prática quando nos lembramos dos apoios financeiros a movimentos de extrema-direita.

Georges Bataille escreveu este texto em 1933, no contexto da crise das democracias liberais europeias e da ascensão do fascismo. Podemos dizer que a situação em que ele vivia é um tanto quanto similar quanto a nossa, pois vemos uma crise da sociedade liberal, e uma ascensão da extrema-direita em todo o mundo. Vemos candidatos e partidos que se apresentam como anti-establishment, outsiders, mesmo sendo financiados por grandes setores empresariais. Partidos estes que possuem líderes que se apresentam com uma aura religiosa, com uma força hipnotizadora para as massas, organizando-se tal qual um exército (inclusive utilizando linguajar militar!) preparado a matar e morrer pelo líder, exatamente igual ao fenômeno descrito por Bataille em seu texto. Por isso a importância do estudo do movimento das forças heterogêneas de uma sociedade e de uma análise psicológica da mesma. É necessário uma heterologia.

## Referências

BATAILLE, Georges. “The Psychological Structure of Fascism”. Trad. Carl R. Lovitt. *New German Critique*, n. 16, p. 64-87, inverno, 1979.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o Sistema Totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade: Doze Lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGARTY, Paul. *Georges Bataille: Core Cultural Theorist*. Londres: SAGE, 2000.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. *O Estado e a Revolução: a Doutrina do Marxismo sobre o Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução*. Trad. Edições Avante!. 1 ed. Sao Paulo: Boitempo, 2017.

SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo*. 2 ed. rev., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SCHEIBE, Fernando. *Coisa Nenhuma: Ensaio sobre Literatura e Soberania (na Obra de Georges Bataille)*. Tese (Doutorado em literatura) - Centro De Comunicação e Expressão. Universidade Federal De Santa Catarina, 2004.

### Referências Fílmicas

SALÒ ou os 120 Dias de Sodoma. Dir. Pier Paolo Pasolini. Itália: Produzioni Europee Associate (PEA); França: Les Productions Artistes Associés, 1975. DVD. 116 min.

*Recebido em: 29/09/2021.*

*Aprovado em: 20/10/2021.*

*Publicado em: 20/10/2021.*